

HOMENAGEM A DONA PRETA

Não havíamos previsto uma abertura para a Temporada de Eventos, afinal já temos tantas atividades no CILTEC, no STIS e no UEADSL que esse tipo de formalidade não fazia muito sentido.

Tudo começou numa ida recente a Belo Horizonte, quando fui almoçar com a D. Maria, minha mãe mineira (sou gaúcha e mudei para BH em 2005). Comentei com ela sobre um livro infantil que uma vez dei de presente a minha filha, há mais de 20 anos atrás, acho que da Ana Maria Machado, que falava sobre escravidão de crianças nas minas de carvão no Brasil. Disse a ela que na época fiquei muito impressionada e indignada, pois não conseguia conceber que tal situação ainda existisse. Ela respondeu com a calma de costume: "Não é só nas minas de carvão, não, Ana!" e começou a me contar sua incrível história, muito viva e forte em sua memória. Perguntei se ela se dispunha a filmar isso, pois era algo que o mundo precisava ouvir. Ela concordou, pois queria fazer uma homenagem à professora Dona Preta, quem, se não pôde ensinar a Maria Geralda a ler e a escrever, ensinou a ela e a sua família o poder que tem uma educação voltada para a pessoa: ensinou que cada pessoa vale muito e deve ser respeitada.

Venha, junte-se a nós: prestigie a Geralda e todos os professores que constróem diariamente um mundo melhor, nas ações do Texto Livre: <http://eventos.textolivre.org/abertura/>

Ana Matte/fundadora do TL, coordenadora da Temporada2019.2

Maria Geralda das Graças Silva é uma pessoa muito inteligente, vivaz, consciente e faz a diferença por onde passa.



Belo Horizonte é uma daquelas capitais brasileiras com jeito de cidade do interior, com todas as características boas e más que isso traz. Uma delas é o preconceito contra negro e contra pobre, que não tem vergonha de ser ostentado até mesmo por pessoas cultas e "de bem". Conheço muitas histórias sobre isso - contadas por colegas que vieram de fora para trabalhar na UFMG.

Histórias de mulheres que não comem com os patrões e, se possível, nem mesmo usam o mesmo banheiro. Mulheres que, como aprendeu Maria Geralda, "não são pessoas" e, portanto, quanto mais despercebidas passarem, melhor, deixando suas mazelas bem longe dos lares "de respeito" cuja sujeira limpam. Mulheres que são o primeiro suspeito e o provável condenado.

Hoje entendo que foi por isso que levei muitos anos de convivência até descobrir que a Geralda era analfabeta. Dar-se a conhecer não faz parte do trabalho de faxina, de modo que ela sempre foi estritamente discreta quanto a sua própria vida. Mesmo assim, nunca deixou de exercer sua humanidade por onde

passasse, cuidando, ajudando, buscando entender as dificuldades humanas até de seus patrões. Certa feita me contou que, se tivesse tido a oportunidade de estudar, teria sido enfermeira. Não tenho dúvidas de que teria sido enfermeira, médica, o que quisesse, e que brilharia em qualquer profissão. Depois de tantos anos na lida, ela ao menos pode escolher para quem trabalhar, um pequeno prêmio de consolação.

Maria Geralda nunca desistiu de aprender a ler e a escrever. Tentei em casa, não fui eficiente, então minha irmã conseguiu uma vaga na Educação da UFMG, que ela frequentou por 2 anos, muito boa em matemática! Mas era um enorme sacrifício, visto ela morar a 2h da universidade, chegava da aula por volta da 1h da manhã e precisava levantar às 5h para sair para trabalhar. Ela, que não é mais menina, ou menina muié, como ela e pelo menos metade dos mineiros diriam, não conseguiu continuar.

Mas Geralda é como a Dona Preta: não desiste: recentemente veio me contar, toda feliz, que, numa reunião da escola de sua neta Duda, que cria desde bebê, comentou sobre esse problema e, como várias outras avós também estavam na mesma situação, a escola organizou um atendimento para alfabetizá-las. Perto da casa dela, mais acessível e num horário adequado. Como sempre, professores fazendo um mundo mais justo mesmo que não lhe paguem pra isso.

Dona Preta? Ah, isso é a Maria quem vai contar. Prestigie! <http://eventos.textolivre.org/abertura/>